

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

## MULTIMODALIDADE E “PODER SEMIÓTICO” NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Luana Teixeira de Souza Cruz<sup>1</sup>

Se professores e pesquisadores estão em busca de repensar as aulas de português com a perspectiva em articular modos de produção de texto e fruição de leitura dos alunos, *Textos Multimodais* precisa ser livro de cabeceira. Nele, a professora e pesquisadora Ana Elisa Ribeiro faz uma reflexão informada sobre o ensino da língua materna por meio de textos em que não se excluem, deliberadamente, fotos, ilustrações e gráficos. As investigações teorizam multimodalidade, leitura e infografia mostrando três “casos com jeito de sugestões”, a saber: uma proposta de atividade de retextualização (do oral para o escrito), testes de escrita e leitura com alunos do 3º ano do ensino médio em duas escolas públicas e o comparativo de produção verbovisual entre uma criança de 8 anos e uma designer profissional. Os relatos das experiências da professora-autora em oito capítulos fazem do livro um retrato de como o ensino desconsidera a inclusão atrativa e interessante dos textos multimodais que poderiam conectar, e muito, estudantes às produções de circulação social como mapas, quadros, linhas do tempo, fluxogramas e narrativas.

O primeiro caso é uma atividade de edição proposta para estudantes pensarem a retextualização transformando a narração de um locutor de rádio em blocos de notícias escritas em dois suportes, um jornal impresso local e um blog. Sem qualquer intenção de debater com os alunos se “a escrita é melhor ou mais correta do que a fala” (RIBEIRO, 2016, p. 13), o desafio é lançado e resulta em produções qualificadas com reescritas multimodais e multissemióticas. “Não é fácil, mas é possível” (RIBEIRO, 2016, p.26) e os alunos conseguem hierarquizar informações, diagramar e editar com soluções bem compatíveis a cada suporte.

Depois do primeiro relato, a autora desenvolve reflexões sobre a leitura de infografia (jornalística e não jornalística) e de gráficos, conectadas ao processo de letramento e à cidadania. O livro não perde de vista, em momento algum, a noção de que as articulações multimodais precisam ser notadas e compreendidas por leitores diversos, sendo o ensino da

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas). Mestre em Estudo de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Belo Horizonte, Brasil, e-mail: [luanatsc@gmail.com](mailto:luanatsc@gmail.com)

língua materna uma das portas de entrada para essa prática. As aulas podem ser o canal para ampliar o “poder semiótico”<sup>2</sup> de todos. *Textos Multimodais* tem uma generosidade intrínseca não só no fato de a professora-autora compartilhar experimentos, mas também a cada citação que faz a outros pesquisadores, principalmente aos orientandos com os quais Ana Elisa Ribeiro navegou para alcançar debates e conclusões sobre leitura e produção.

No capítulo 4, inicia-se a experiência com grupos de alunos do 3º ano do ensino médio que são convidados a fazer leituras de infográficos e a produzir nove textos multimodais. A experiência deixa claro que o contato dos alunos com o gênero é restrito às aulas de matemática e geografia, mesmo assim, de modo insuficiente para fazê-los entender o conceito de infografia e visualização. “[...] a escola tem forte papel no analfabetismo dos jovens quanto a textos multimodais, muito embora isso não tenha sido prioritariamente apontado em aulas de língua materna” (RIBEIRO, 2016, p.56).

Os nove textos produzidos pelos alunos são gráficos, desenhos ou descrições que representam as seguintes situações: se deslocar de carro por uma estrada; participar do processo de edição e elaboração de um livro; relatar a estrutura hierárquica da escola; apontar o caminho entre um endereço e outro passando por duas avenidas conhecidas em Belo Horizonte; montar a cronologia de livros de Clarice Lispector; relatar a cena de um crime; analisar infográficos sobre o Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (Ideb), a venda de carros no Brasil e processo de violação de patentes entre empresas de tecnologia.

O comparativo entre as produções é revelador. Em muitos momentos, os alunos não atendem à proposta demonstrando dificuldade em leitura de textos verbovisuais ou a incapacidade em descrever gráficos com linguagem verbal. Durante a pesquisa surgem perfis de estudantes críticos, generalistas, politicamente corretos, lúdicos e há um tipo trapaceiro, aquele que tenta sempre desviar o objetivo da proposta com uma retirada de foco proposital. A autora conclui que as tarefas foram complexas, porém importantes para manipulação de linguagens tanto para ler quanto para escrever.

É importante destacar que as questões de produção multimodal dos textos não passam tanto pela exigência de talentos que as pessoas normalmente não desenvolvem, mas pelo manejo das linguagens à disposição, pela escolha de modos de expressão, assim como pela articulação entre o como e o que dizer. Trata-se de elementos que acredito possam ser despertados, reconhecidos e trabalhados. E podem surpreender professores, além de

---

<sup>2</sup> Conceito que a autora atribui a Gunther Kress, na perspectiva de poder produzir e disseminar sentidos - KRESS, G.. *Literacy in the New Media Age*. Londres: Routledge, 2003.

ampliar o “poder semiótico” de todos. (RIBEIRO, 2016, p.105, grifos da autora)

Por fim, as mesmas propostas de produção textual apresentadas aos alunos foram dadas a uma criança de oito anos e uma profissional de designer, com o objetivo de testar se teriam ideias muito diferentes dos estudantes do ensino médio, alterando a modalidade ou modulando de forma diversa. “Qual é a distância entre os dois produtores de textos multimodais e entre eles e os participantes do ensino médio?” (RIBEIRO, 2016, p.114).

Para a autora, todos eles são capazes de selecionar recursos verbovisuais para se expressar, mas com variações de repertórios ligadas ao “poder semiótico”. O livro deixa como legado o alerta de que o acervo linguístico de uma criança de oito anos poderia ser potencializado e aumentado durante a vivência escolar até a vida adulta, mas, muitas vezes, é reprimido. O desenho feito pela criança tinha mais potencial para se aproximar da produção apresentada pela designer profissional, diferente dos resultados apresentados pelos alunos do ensino médio. Estes mostraram grande desnível nos efeitos inerentes a imagens e palavras.

O livro não tem como objetivo discutir a formação do professor da língua materna que, muitas vezes, pode não ser multimodal. Assim, o educador acha pouco natural trabalhar com textos verbovisuais. No entanto, é sempre válido lembrar que o desnível de “poder semiótico” não se restringe aos alunos de ensino médio, mas também a quem os ensina. É hora do educador se habituar a interpretar, traduzir e retextualizar textos em matrizes da linguagem para desenvolver pensamento visual, verbal e sonoro.

O que escolas e professores podem fazer é ampliar este “poder semiótico”, em diferentes condições de trabalho, haja vista a simplicidade de todas as atividades propostas por Ana Elisa Ribeiro no livro. Operar com a noção de multimodalidade exige conversas, testes, provocações, como algumas propostas em *Textos Multimodais*. “O que é importante então? Articular todos os modos de produzir textos. E isso pode ser muito incrementado na sala de aula. Aula de português, frise-se”. (RIBEIRO, 2016, p.123).

Data de recebimento: 28 de setembro de 2016.

Data de aceite: 27 de novembro de 2016.